



**ST16. INTERFACES ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA
50 ANOS DO GOLPE MILITAR DE 1964**

1023

**EDUCANDO O CIDADÃO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO MORAL E
CÍVICA: O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NO PERÍODO MILITAR**

Rafael Nóbrega Araújo¹

Patrícia Cristina de Aragão Araújo²

Resumo: A pesquisa tem por proposta discutir sobre o livro didático de história, no contexto do período militar, a partir de reflexões de um livro didático de educação moral e cívica. Nosso propósito é enfatizar as maneiras como este material didático-pedagógico foi utilizado para uma educação voltada para a moral e o civismo. Nosso objetivo é refletir sobre as maneiras como o livro didático, produzido e introduzido na sala de aula neste período, elaborava uma ideia de cidadania, calcada nos discursos e proposições dos governos militares. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, tendo como fonte o livro de história *Educação Moral e Cívica para uma Nova Geração Consciente de autoria de Gilberto Cotrim* em que a partir do posicionamento deste autor, analisamos as propostas de educação e concepção de ensino de história, no campo do saber histórico escolar.

Palavras-chave: Ensino de História. Livro didático. Educação Moral e Cívica. Ditadura Militar.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, nossa proposta é discutir sobre o livro didático de história no contexto do período militar, no sentido de procurar compreender como este material didático pedagógico, utilizado nas aulas de história apresenta uma abordagem acerca das questões relativas a moral e o civismo e como este tipo de proposta educacional repercutiu no contexto da sala de aula.

Para abordagem metodológica, partimos de uma pesquisa bibliográfica partir de leituras realizadas em trabalhos que discutem a temática em questão, e pesquisa documental, onde utilizamos como fonte de nossa análise o livro didático intitulado

¹ Graduando em História. Pesquisador do Projeto de Extensão - O lugar da Juventude no Ensino Superior: formação docente, políticas públicas, diversidade e direitos humanos. E-mail: rafaelnobreg@hotmail.com.

² Doutora em Educação. E-mail: cristina-aragao21@hotmail.com

Educação moral e cívica: para uma nova geração consciente de Gilberto Cotrim. Nossa discussão está organizada em dois momentos. Num primeiro momento, discutiremos sobre como o livro didático de história e a maneira como ele produziu um sentido de moral e civismo que contribuiu na visão de história que foi permeada no contexto do período militar no espaço escolar. No segundo momento discutiremos de que forma os valores humanos e a consciência moral estão presentes no livro didático de história durante o governo militar.

REFLEXÕES SOBRE O LIVRO *DIDÁTICO EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA*

1024

Partindo de nossa análise do livro didático de História, a pesquisa visa apresentar o papel e a função do livro durante o período da Ditadura Militar Brasileiro, e o uso que esta faz do material didático pedagógico visando a construção de uma identidade baseada nos valores da moral e do civismo, para a formação de uma geração.

Considerando os estudos e discussões teóricas acerca da compreensão do livro como um objeto cultural, sobre o qual são veiculadas diversas práticas e representações, bem como as relações que este apresenta com seu contexto sociocultural, e principalmente como o livro didático funciona como um instrumento de poder. José D'Assunção Barros (2011) nos trás um comentário sobre as construções históricas e discursivas acerca do livro:

é esse objeto da cultura que já passou por inúmeras formas, mas, que nas suas linhas gerais, é um objeto cultural bem conhecido no nosso tipo de sociedade. Para a sua produção, são movimentadas determinadas práticas culturais e também representações, sem contar que o próprio livro, depois de produzido, irá difundir novas representações e contribuir para a produção de novas práticas. (BARROS, 2011, p. 50).

Deste modo, podemos perceber o livro como um objeto cultural sobre o qual circulam inúmeras práticas e representações, que serve como instrumento de ação pedagógica. O livro se apresenta como meio perpassado pelos discursos políticos, culturais, econômicos e sociais sobre os quais se inserem os interesses dos grupos dominantes.

Neste aspecto visamos aqui, discutir a ditadura militar a partir das construções entorno do livro didático de História, como meio pelo qual se propaga o ensino de moral e cívica atendendo aos interesses do Estado. Dentro desta perspectiva trazemos para discussão Alain Choppin apud Erica da Silva Xavier e Mária de Fátima Cunha (2012) observando que o livro didático:

modifica a realidade para educar as novas gerações, fornecendo uma imagem deformada, esquematizada, modelada, freqüentemente de forma favorável: as ações contrárias à moral são quase sempre punidas exemplarmente; os conflitos sociais, os atos delituosos ou a violência cotidiana são sistematicamente silenciados. (XAVIER; CUNHA, 2012, p. 124).

Partindo da análise das representações e das práticas em torno do livro e das suas leituras, o historiador francês Roger Chartier (2001) quando referenciou a História do Livro, demonstra em seu artigo *Textos, impressões, leituras* as confrontações entre aquilo que o autor conforma como sendo a representação de um livro e as leituras e interpretações que os leitores terão de tais escritos. Deste modo, compreendemos que o ato de ler é apontado como uma ‘apropriação’ do texto, aonde o leitor “Conduzido ou encurralado, [...] encontra-se invariavelmente inscrito no texto, mas este, por sua vez, inscreve-se de múltiplas formas em seus diferentes leitores.” (CHARTIER, 2001, p. 215).

Neste sentido, o livro como objeto cultural, representa então um campo de circularidade onde se apresentam e se inscrevem múltiplas práticas e suas representações, pois além do ato intencional de quem escreve e produz o livro, existe também as leituras e interpretações referentes ao texto, que cada leitor ao interagir com a obra se apropria. O livro didático de História no Período Militar visou incutir a noção de moralidade e civismo nos jovens da nação, por ser um material que faz parte da realidade educativa escolar e amplamente utilizado pelo professor, a abordagem deste material em relação as práticas de moral e civismo, muito influenciou a maneira como os sujeitos, aluno e professor, se posicionava a partir da sala de aula, no que se refere a este tipo de proposta.

A partir dos modos como na obra de Gilberto Cotrim *Educação moral e cívica: para uma nova geração consciente* são exaltadas as ideias sobre o bem, em função do mal, as atitudes moralmente bem aceitas e aquelas moralmente reprimidas, os vícios. Desenvolvemos uma perspectiva de análise, deste material didático, que visa construir uma noção de moral pautada na construção de uma identidade que atende ao interesse de um grupo dominante, que valorizando os símbolos nacionais, buscava educar gerações de jovens para atender as demandas do discurso em vigência no poder. Neste sentido:

Os golpistas, em meio a seu ideal civil-militar de transformação e reconstrução, se arvoraram como os responsáveis pela recuperação da moral e das condições econômicas do país. Para isso, os militares aplicariam sua força em busca da formação de uma nova juventude, revertendo o caminho que esses jovens progressistas estavam seguindo, seara esta considerada como de “subversão”. (SCHMITT; FIUZA, 2010, p. 237).

Os reflexos desse ideal são logo percebidos. A supressão do ensino de História e Geografia, bem como o de Filosofia, sintetizando-os em duas novas disciplinas, os Estudos Sociais, para as primeiras séries e a Educação Moral e Cívica para os alunos de séries mais avançadas. Mariane Amboni Marcelino aponta para essas mudanças:

A Ditadura Militar Brasileira, ocorrida entre os anos de 1964 e 1985, trouxe consequências (sic) diretas para a educação que passou a ser constituída na preparação do indivíduo para a “modernização” do

Estado, inserida no ideal de desenvolvimento da nação e do apelo cívico. (MARCELINO, 2009. p. 13).

Os métodos pedagógicos utilizados pelo livro didático remetiam a um conhecimento objetivo, retirando os seus espaços de reflexão, sendo desenvolvidos para atender as necessidades de um ensino tecnicista e civilizador. Podemos compreender o livro didático de Educação moral e cívica como um instrumento de poder que visa disciplinar e condicionar, aluno e professor, aos interesses do Estado em que de acordo com a perspectiva de ARANHA (1996, p. 213): “o professor é um técnico que, assessorado por outros técnicos e intermediado de recursos técnicos, transmite um conhecimento técnico e objetivo.”

Além de adequar este jovem ao mercado de trabalho, dando-lhe uma educação técnica, os livros didáticos possuíam uma clara função cultural e ideológica, seu posicionamento serve, deste modo, CHOPPIN Apud XAVIER e CUNHA enfatizam que:

Instrumento privilegiado de construção de identidade, geralmente ele é reconhecido, assim como a moeda e a bandeira, como um símbolo da soberania nacional e, nesse sentido, assume um importante papel político. Essa função, que tende a aculturar — e, em certos casos, a doutrinar — as jovens gerações, pode se exercer de maneira explícita, até mesmo sistemática e ostensiva, ou, ainda, de maneira dissimulada, sub-reptícia, implícita, mas não menos eficaz. (XAVIER; CUNHA, p. 125-126, 2012).

O livro didático desempenhou naquele contexto um papel importante, na construção de uma visão de verdade histórica irrefutável, que seria uma visão de história unicamente oficial, baseada nos documentos e nos interesses do Estado. Neste sentido, Xavier e Cunha (2012, p.125), mostram que “O livro didático está sempre ligado ao presente, mesmo quando trata do passado”.

Além disso, tais métodos didático-pedagógicos adotados pelos livros didáticos do período militar levavam ao adestramento intelectual, quando se criavam verdades absolutas e inquestionáveis, que tornavam o ensino um condicionamento, retirando do aluno a capacidade de questionamento cabendo apenas aceitar os “fatos”. Esta forma de ensino visava disciplinar os jovens, seus corpos e suas consciências aos interesses do Estado, deste modo, a educação desempenha papel importante para que os novos cidadãos fossem moldados dentro dos padrões vigentes. Como aponta Marcelino (2007):

O regime ditatorial preocupava-se muito com o ensino de História, pois esta disciplina tem por característica a análise crítica dos conteúdos e a formação de pessoas com visão crítica não interessava aos militares. Um indício dessa preocupação está no fato de que a disciplina de História foi substituída nas séries iniciais pela disciplina de Estudos Sociais, que englobava conhecimentos de História e Geografia. Já nas séries do Ensino Fundamental e Secundário pela Educação Moral e Cívica. (MARCELINO, 2006, p. 15-16).

Dessa forma, nossa intenção é tentar compreender as dimensões e conotações que permeiam a construção e a produção do livro didático de História durante o período de Ditadura Militar, considerando a complexidade deste objeto cultural. Neste ponto, salientamos que o objetivo desempenhado pelo livro atende aos interesses do Estado, o livro didático é um objeto cultural, mas é também político e social, acreditamos assim ser pertinente, discutir o período da Ditadura através do uso didático-pedagógico do livro de Gilberto Cotrim, intitulado *Educação moral e cívica: para uma nova geração consciente* demonstrando como a moral e o civismo se fazia fundamental para a construção das identidades e como demandavam os interesses dos grupos dominantes.

OS VALORES HUMANOS E CONSIÊNCIA MORAL NO LIVRO DE EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA

Barros (2011) nos lembra das funções criadoras da prática de fazer um livro:

quando um autor se põe a escrever um livro, ele se conforma a determinadas representações do que deve ser um livro, a certas representações concernentes ao gênero literário no qual se inscreverá a sua obra, a representações concernentes aos temas por ela desenvolvidos. (BARROS, 2011, p. 50).

Desta forma, entendemos que o livro didático é preparado, em sua forma física e simbólica, com a intenção de construir o indivíduo dentro do contexto ao qual ele está inserido, e que veicula a visão e as ideias de seu autor. O livro didático do período militar obedecia à ordem ideológica de seu governo, com o objetivo evidente de formar cidadãos aptos para exercer suas funções cívicas e viver conforme as leis, como aponta Fonseca, essa perspectiva:

Adequava-se aos interesses do Estado autoritário, na medida em que apresentava o quadro de uma sociedade hierarquizada, cuja vida seria conduzida de cima para baixo e que a ordem seria uma máxima a ser seguida pelos seus membros. (FONSECA, 2003, p. 53).

Como abordado anteriormente, o ensino de História fora suprimido juntamente com o ensino de Geografia e Filosofia para dar lugar aos Estudos Sociais nas primeiras séries e a Educação Moral e Cívica nas séries mais avançadas, cuja finalidade era preparar o aluno (leia-se cidadão) “para o exercício das atividades cívicas com fundamento na moral, no patriotismo e na ação construtiva visando o bem comum;” (FONSECA, 1993, p. 37).

Esse objetivo está claramente exposto no livro didático de Gilberto Cotrim:

A Educação Cívica pretende que as boas qualidades do caráter tenham um sentido social. Pretende formar bons cidadãos, isto é, pessoas que compartilhem suas boas qualidades com os demais membros de sua Pátria. (COTRIM, 1984, p. 18).

Esta era a grande preocupação do governo militar criar “bons cidadãos”, conformados, obedientes às leis e que atendessem ao interesse do Estado. Para o êxito dos militares foi feito investimento, o livro didático é um reflexo disto, para garantir a efetivação deste plano. No livro de Educação Moral e Cívica podemos perceber como este interesse se explicitava através da conjuntura de valores que visam uma formação moral, calcada na construção de um caráter baseado nos “bons valores”.

O capítulo dois do livro de Gilberto Cotrim intitulado *Valores humanos e consciência moral* vem tratar da importância das virtudes, os valores humanos, que são capazes de oferecer uma vida e de “realizar ações que levem à verdadeira felicidade.” (COTRIM, 1984, p. 18), em detrimento dos vícios que “afastam da verdadeira felicidade” (Ibid., op. cit). Utilizando-se sempre da dicotomia positivo/ negativo Cotrim elabora um quadro geral dos valores que o cidadão deve seguir para conseguir uma vida plena e poder conviver em sociedade, de modo a adequá-lo ao sistema.

Podemos perceber através da leitura do livro didático de Gilberto Cotrim que se trabalha com a utilização conceitos básicos, com definições objetivas, compreendemos que neste modo de ensino “[...] tudo era encaminhado de forma mecânica de modo que [as crianças] não precisassem pensar no significado das respostas.” (MARCELINO, 2007, p. 26). Como assevera Fonseca (2003):

Os métodos pedagógicos e a relação aluno/professor seriam geralmente marcados pelo autoritarismo, pela concentração do poder e do saber na figura do professor e da autoridade do livro didático, pela atitude passiva e receptiva do aluno, ausentando-se daí elementos ativos, reflexivos e críticos no processo de ensino/ aprendizagem. (FONSECA, 2003, p. 58).

Baseado num ideal de razão iluminista, Gilberto Cotrim em seu livro se empenha em demonstrar, atendendo aos interesses dos militares, como a razão levará para a autoconsciência humana e a partir desta poderá estabelecer preferências, bem como o discernimento entre o considerado como o bem e o mal. A capacidade de discernimento leva a distinção entre valores positivos e valores negativos.

O valor que descobrimos nas coisas podem ser de dois gêneros: positivo ou negativo. **Valor positivo** é a qualidade desejável, como, por exemplo, o bem, o belo, o justo. **Valor negativo** (contravalor) é a qualidade não desejável como, por exemplo, o mal, o feio, o injusto. (COTRIM, 1984, p. 15).

Mediante sua postura neste material didático, que tendia a um conhecimento objetivo com pouco espaço para reflexão e interesses de adequação dos leitores ao discurso dominante, Cotrim trata da relativização dos discursos ao longo da história como podemos observar, quando diz que: “É importante destacar que nem sempre as mesmas coisas, através da história, despertam nos homens os mesmos valores.” (COTRIM, 1984, p. 15).

Observamos que abordagem de Gilberto Cotrim incide sobre uma “Hierarquia de Valores”, segundo o autor, e possível na vida de cada indivíduo estabelecer a partir

da razão e da autoconsciência quais valores são hierarquicamente mais importantes ou superiores a outros. Ao longo da discussão sobre hierarquia de valores, o autor demonstra que é preciso ponderar entre a liberdade de escolha e seleção de valores com responsabilidade, como alerta Cotrim “devemos ser responsáveis por nossas escolhas.” (COTRIM, 1984, p. 16).

Discutindo sobre a hierarquia dos valores, Cotrim deixa claro seu ideal de uma sociedade hierarquizada. Entendemos que a elaboração desta hierarquia que conduz os valores, a moral e a ordem, vem de cima para baixo, em que os valores considerados “positivos” são aqueles adotados pelo Estado e pelos grupos dominantes e que por isso devem ser reproduzidos para os grupos que compõe a base desta sociedade.

Numa sociedade confusa e problemática como a nossa onde nem sempre a liberdade vem acompanhada de responsabilidade, grande parte das escalas de valores adotadas são incapazes de conduzir o ser humano a uma vida equilibrada e verdadeiramente feliz. (COTRIM, 1984, p. 16).

Uma vida equilibrada e feliz nas palavras do autor, só seria possível quando se procedesse a partir da hierarquia de valores certa, essa hierarquia era certamente a hierarquia do Estado autoritário. Estabelecida esta hierarquia de valores, ela servia de exemplo, uma ordem que conduziria a vida dos demais membros que compunham a sociedade. De acordo com Fonseca:

Vista desta forma, a História tradicional adequava-se aos interesses do Estado autoritário, na medida em que apresentava um quadro de uma sociedade hierarquizada, cuja vida seria conduzida de cima para baixo e a ordem seria uma máxima a ser seguida pelos seus membros. (FONSECA, 2003, p. 56).

Saber eleger a hierarquia correta destes valores era o que tornaria uma pessoa de bom ou mau caráter. Citando o exemplo dos heróis dos quadrinhos, Cotrim mostra que o ser humano “não possui uma predominância rígida de qualidades ou defeitos” (1984, p.17), portanto, é “a grande missão” da Educação Moral e Cívica ajudar na formação de pessoas de bom caráter e combater o mau caráter. (COTRIM, 1984, p. 17).

Ressaltamos a partir das discussões desenvolvidas por Cotim na obra analisada, que o papel da educação Moral e Cívica só seria alcançada após um “complexo e delicado” processo educacional baseado no estímulo para a consciência moral. Neste ponto do livro didático fica clara a intenção de preparar os alunos para serem bons cidadãos, haja vista, que se preza pelo desenvolvimento do “mútuo-respeito”, que é o respeito pelos outros indivíduos, para que deste modo a vida em sociedade pudesse ser dar de forma harmônica, logo passiva, atendendo aos interesses do Estado.

A moral e o civismo são abordados logo em seguida pelo autor, a liberdade sempre atrelada à responsabilidade se divide em dois tipos básicos: a moral e a cívica. A liberdade só existe na medida em que se observada à responsabilidade, deste modo, o indivíduo precisa ser “responsável perante sua consciência moral e pelas leis da sociedade em que vive.” (COTRIM, 1984, p. 18).

Sempre partindo do individual para o coletivo, o ensino da moral e do civismo prezam diretamente por uma vida social em harmonia, preocupada com o bem comum. Desta forma, para Cotrim, o indivíduo tem responsabilidades para consigo e para com o meio em que vive, ou seja, as instituições, a Pátria, a Igreja, a Escola e a Família.

Por fim, a formação de um senso moral e cívico nos alunos visa combater os vícios, ou seja, as atitudes moralmente reprováveis em detrimento das virtudes, observado tais preceitos o indivíduo estaria apto para viver socialmente, assumindo deste modo suas posições no corpo social. Cotrim persevera e observa ao término do capítulo, que o cidadão deve cumprir plenamente seus deveres para com a prática, deixando bem claro o interesse desenvolvimentista e tecnicista que o governo militar programou na educação. O dever para com a Pátria para Cotrim e para o Estado deveria ser resumido da seguinte forma: “Amor forte e inteligente em relação à Pátria. Inteligente para conhecer seus problemas e grandezas, e forte para lutar por sua independência e seu desenvolvimento.” (COTRIM, 1984, p. 19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que as propostas educacionais se dão dentro dos parâmetros estabelecidos pelos valores de uma sociedade vigente. As leituras de autores que trabalham com o tema nos deixam bem claro, como a educação dentre tantos outros aspectos são constituídas historicamente, sempre atendendo à demanda dos grupos que se estabelecem no domínio.

O processo educacional estabelece vias que permitam atingir uma parcela populacional que se encontra em estágio de aprendizagem, nesse processo a utilização do livro didático como objeto impresso, sobre o qual circulam práticas e representações, pode e serve como instrumento de dominação e repressão, destinado como foi na Ditadura Militar Brasileira a disseminar os valores e ideais do grupo em vigência no poder.

A utilização do livro didático para abordagem de valores humanos sob a perspectiva da Educação Moral e Cívica visou deste modo, construir uma subjetividade no público sobre o qual este material didático-pedagógico estava direcionado. De uma maneira poética, como ilustração do estudo aqui desenvolvido, citemos a banda inglesa chamada Pink Floyd que fazendo uma crítica a um tipo de educação que exerce um controle social e não desenvolve uma postura crítica, conscientizadora e que cabe nas discussões que desenvolvemos em que pontua que :

Não precisamos de nenhuma educação
Não precisamos de controle mental
Chega de humor negro na sala de aula
Professores, deixem as crianças em paz
Ei! Professores! Deixem essas crianças em paz!
Tudo era apenas um tijolo no muro
Todos são somente tijolos no muro

Partindo das discussões neste texto elaboradas, vale salientar, no entanto, como nos ensina o historiador Roger Chartier (2001), que nem todos os indivíduos tiveram a mesma leitura que as autoridades instituíram, percebendo que houve diferentes e diversas apropriações das leituras do material didático disponibilizado pela Ditadura, tanto é, que durante os 20 anos de ditadura existiram resistências e oposições – clandestinas muitas delas – o que comprova que, nem todos os interesses do governo ditatorial foram atingidos. Diante das práticas e representações criadas pela Ditadura a cerca do livro didático, os indivíduos realizaram a seu passo outras práticas e representações que não fossem aquelas instituídas pelos mecanismos pedagógico-corretivo do governo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BARROS, José D'Assunção. **A Nova História Cultural**: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Cadernos de História. – v. 12, n. 16, 1º sem. Belo Horizonte, MG: 2011.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**; tradução Jefferson Luiz Camargo. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 317p.

COTRIM, Gilberto Vieira. **Educação moral e cívica**: para uma nova geração consciente: 2º grau. – 3. Ed. – São Paulo: Saraiva, 1984.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História & ensino de História**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 120p.

MARCELINO, Mariane Ambione. **Os livros didáticos de história na Ditadura Militar**. 2007. Monografia. (Aperfeiçoamento/ Especialização em História: história, ensino e linguagens) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Orientador: COSTA, Marli de Oliveira.

SCHMITT, Silvana Lazzarotto.; FIUZA, Alexandre Felipe. A resistência estudantil à Ditadura Brasileira no Oeste do Paraná. In: CASTANHA, André Paulo. ORSO, Paulino José. et al. (orgs.). **História da educação**: Pesquisa, Levantamento de Fontes e Instituições Escolares. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010. 318p.

XAVIER, E. S.; CUNHA, M. F.. **Entre a indústria editorial, a academia e o estado**: o livro didático de história em questão. Cadernos do CEOM (Unochapecó), v. 981(05), p. 123, 2012.

DISCOGRAFIA

Música: Another Brick In The Wall (Parte II)
Compositor: Roger Waters

Álbum: The Wall (Pink Floyd)

Gravadora: Columbia (EUA)

Ano de Lançamento do álbum: 1978